

## DE TERRORISMO CONVENCIONAL AO CIBERTERRORISMO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PAPEL DA AL-QAEDA

Viriato Caetano Dias<sup>1</sup>

### Resumo

O escopo deste artigo é analisar a questão de terrorismo internacional, sua estrutura interna e externa, no concreto, a crescente transformação de terrorismo convencional em ciberterrorismo, onde o uso da ciência e das tecnologias modernas definem-se como as principais armas do terror. Assim, nesta perspectiva, tomámos por base de trabalho o papel da Al-Qaeda, um dos mais “famigerados” grupos terroristas fundado pelo activista suadita Osama bin Laden.

**Palavras-Chave:** Terrorismo Convencional; Ciberterrorismo; Al-Qaeda; Bin Laden.

### Abstract:

The main objective of this article is to analyse the international terrorism, his internal and external structure, this mutations from a conventional terrorist group to a cyber terrorism, where the modern and new technologies will be used in terror weapons. In this observation we use for our working paper, the Al-Qaeda targets and activities, one of the most dangerous terrorist group, created by Osama bin Laden.

**Key words:** Conventional Terrorism; Cyber terrorism; Al-Qaeda, Osama bin Laden.

### Notas introdutórias

A presente reflexão está dividida em quatro componentes centrais, cada uma delas tratando de um assunto específico, todas intrinsecamente ligadas ao terrorismo. Na primeira componente discute-se a problemática do conceito de terrorismo, que abrange desde os seus primórdios com relatos bíblicos, até os dias de hoje, com o surgimento de ciberterrorismo; na segunda aborda os diferentes tipos de terrorismo (são examinadas separadamente as categorias e os grupos de terrorismo); na terceira componente abarca o papel da Al-Qaeda (sua génese, organização e prováveis causas que estão por detrás da sua existência, são elencados alguns ataques terroristas perpetrados pelo grupo) e, por último, o ciberterrorismo ou ciberguerra (o uso das novas tecnologias de informação e comunicação como meios de terror). Os principais objectivos sobre este tema a que nos propomos responder serão a pergunta: O que é terrorismo? Qual o papel da

---

<sup>1</sup>Mestrando em Relações Internacionais e Estudos Europeus, ministrado pela Universidade de Évora, Endereço de ‘E-mail’: m8157@alunos.uevora.pt.

Al-Qaeda nesta guerra? Como pretende ser instaurado o ciberterrorismo e quais as suas consequências no mundo actual?

### ➤ A problemática do conceito de terrorismo

O conceito de terrorismo de que nos propusemos estudar mostra-se eivado de ambivalências, tanto é polissémico como errático. Para isso, impõe-se esclarecer, à luz das conclusões mais avançadas da investigação disponível, o que se entende, actualmente, por terrorismo. Na perspectiva de alguns autores, como Andrade (1999), afirma com base na definição do FBI<sup>2</sup> - Repartição Federal de Investigação que “Terrorismo é o uso ilícito de violência contra pessoas ou bens para intimidar ou coagir um governo, a população civil ou parte dela, para alcançar objectivos políticos ou sociais [...]”. Contudo, nem todo o acto ilícito de violência é considerado de terrorismo<sup>3</sup>. Na parte final da guisa, estamos a citar Andrade, o autor mostra-se cauteloso na sua abordagem conceptual, mas, adiante, afirma que o terrorismo mais do que qualquer acção intimidatória é o facto de, deliberadamente, procurar incutir terror, não só às vítimas, como também ao resto da população.

Do ponto de vista político e social, Cabb Carr explica que o terrorismo, por outras palavras, é simplesmente o nome contemporâneo que se dá, e a mudança assumida, ao combate deliberadamente desenvolvido contra civis com o objectivo de destruir a sua vontade de apoiar quer os líderes quer os políticos que os agentes de tal violência consideram condenáveis<sup>4</sup>. No mesmo entendimento hodierno, Batista *et al* (2004:31) afirma que a palavra “Terrorismo” só foi utilizada pela primeira vez na Conferência de Bruxelas para a Unificação do Direito Penal, em 1931 e desde então, este conceito generalizou-se e, embora não exista uma definição consensual, é actualmente utilizado para designar a violência criminosa e indiscriminada, perpetrada por organizações e indivíduos armados.

Embora diferentes, quer na abordagem conceptual quer na semântica, as teses aqui apresentadas convergem numa premissa comum: o terrorismo é uma violência criminosa que visa, além do mais, criar terror nos dirigentes políticos, militares e o medo na população civil<sup>5</sup>. Numa perspectiva contrária, diversos grupos terroristas, incluindo a própria Al-Qaeda, têm uma abordagem diferente do conceito de terrorismo. Estes consideram seus actos legítimo contra o poder de um Estado, ou contra a hegemonia internacional de um ou mais Estados, ou contra a

---

<sup>2</sup> Federal Bureau of Investigation.

<sup>3</sup> Idem, p.7.

<sup>4</sup> “*The Lessons of Terrorism*, Little, Brown,” Londres, 2002, pp: 6 e 30 in Adriano Moreira, “*Terrorismo*” 2004, p.148.

<sup>5</sup> A mesma definição tem o Conselho de Segurança da Nações Unidas (resolução n.ºs 1269 (de 1999), 1369 (de 2001) e 1373 (de 2001); a Aliança Atlântica (do Glossário AAP-6 – “Termos e Definições” – existe a seguinte de 1.9.89); e a União Europeia (UE de 27?12.2001). V. ainda a descrição das sessões das Nações Unidas sobre o terrorismo, em particular sobre a Al-Qaeda, no artigo de Barbosa, 2006, respectivamente pp. 2-4.

violência sistémica alienante de uma ordem interna ou transnacional<sup>6</sup>. Ao fazer-se a interpretação da problemática do conceito de terrorismo, há-de notar-se que essa controvérsia, não rara nem fechada, se prolongará ao longo dos tempos, porquanto, por um lado aquilo que certos Estados consideram de superiores interesses nacionais e internacionais e, por conseguinte, ‘fiscalizam o mundo ao colarinho’ como se de seus ‘quintais geográficos’ se tratasse, por outro lado, há os que são vítimas desses mesmos interesses e que, intimidados e oprimidos, revelam seus votos e não raras vezes acabam por ser – aos olhos da História – os legítimos vencedores da liça. Não faltam exemplos, alguns até actuais. Veja-se o caso concreto da Palestina em que, independentemente das causas do despique religioso e ideológico que trava com Israel, o seu território é quase que diariamente regado de bombas de fragmentação pelas forças israelitas ante o olhar desavergonhado dos chamados ‘guardiões da paz’. Ainda assim, infelizmente, os ‘catalogadores de terrorismo’, os autoproclamados ‘guardiões da paz’, tudo fazem para inventar outros termos consensuais aos interesses do “núcleo duro do poder mundial” que considerar esta realidade, nua e crua, de terrorismo. Porquê será? Isto permite-nos analisar, com alguma relutância, o que hoje alguns Estados consideram de “actos terroristas” amanhã simplesmente podem não o ser, basta que para isso a História destape a ‘panela de pressão’ e decida mandar recolher para os ‘balneários do esquecimento e dos vencidos’ os protagonistas dessa época. A questão é simples, ninguém pode vestir por muito mais tempo a capa de paladino da justiça e dos direitos humanos sem que não cometa um acto ilícito voluntário ou involuntariamente. Às vezes a própria defesa excessiva do mal, acaba por levar à incompreensão de ambos os lados e, conseqüentemente, a actos terroristas. De qualquer forma, contrariamente ao pensamento defendido por alguns autores acima referenciados sobre a contemporaneidade do conceito de terrorismo, a este propósito escreveu Garcia Leandro, quando sublinha:

“Poder-se-á dizer que [o terrorismo] sempre existiu como meio de acção de grupos locais na sua luta contra um poder mais forte, normalmente do Estado e contra uma estrutura convencional de Forças Armadas e de meios de segurança interna que não tinham capacidade de enfrentar directamente. [...]. O terrorismo já aparece citado na Bíblia e vem pelos séculos fora, tendo ganho especial ênfase com os anarquistas do final do Século XIX e dos princípios do Século XX<sup>7</sup>”.

À semelhança da corrupção e da guerra, o terrorismo é apenas mais um de muitas carradas de ‘tumores malignos’, de proveniência anosa, que surgiu, digamos, sem uma ‘certidão de nascimento’ que lhe outorgasse, nesse documento, a ‘maternidade ou a paternidade’ do terror. Assim, afirmamos que a origem do terrorismo e do provável criador é inexistente. Á partida não deve ser conferida a uma religião específica, região, etnia, raça ou cor. Posto isto, julgamos estar

---

<sup>6</sup> Cf. Moreira, o já citado “*Terrorismo*”, 2004:134.

<sup>7</sup> Garcia Leandro citado por Moreira, 2004, pp.369-370. Veja-se igualmente a Monografia de Sampaio, 2001, p. 6.

no direito de recusar, nesta reflexão, sobretudo a utilização do termo “*terrorismo islâmico*”<sup>8</sup>, por considerarmos pejorativo à honra e glória dos muçulmanos e islâmicos, alheios ao terrorismo. O terrorismo, como dissemos, não é um “produto” islâmico, muito menos americano, também não é asiático nem pode ser australiano, tão-pouco seria africano. É, simplesmente, terrorismo. Onde quer que ele seja praticado, defendido ou combatido, não deve rotular à sua essência.

Concordámos com Lara (2002) na identificação das causas do terrorismo que residem quer nas consequências de uma má colonização, de uma péssima descolonização, de intromissões sistemáticas de potências com vocações hegemónicas no âmbito da guerra fria, nas migrações decorrentes de um mundo cada vez mais interdependente, e das marginalizações que os sistemas dominantes sempre provocam, qualquer que seja o sinal e ideologia modeladora<sup>9</sup>.

### ➤ Tipos de terrorismo

Existem várias teses (e autores) que elencam os tipos de terrorismo existentes. Há no entanto a tese defendida por Andrade (1999:8) que, do nosso ponto de vista, preenche as medidas desta reflexão. Esta classifica o terrorismo em três grupos fundamentais: doméstico, internacional e transnacional (os métodos, porém, são idênticos: assassínios, atentados à bomba, raptos, desvios de aviões ou comboios). O terrorismo doméstico limita-se ao território de um país ou parte dele, identifica-se geralmente com um movimento específico, e pode enquadrar-se num cenário de guerra revolucionária. Este tipo de terrorismo fatura sobretudo em países como o Afeganistão, Iraque e Paquistão, aonde proliferam a existência de grupos terroristas que, em nome do sectarismo político e religioso, usam a propaganda revolucionária para impor terror contra as forças governamentais e contra a população civil. O terrorismo internacional, pelo contrário, não se limita a um país, pode implicar vários movimentos ideologicamente semelhantes, e visa mais a população civil do que as forças armadas ou os funcionários do Estado. O exemplo concreto deste tipo de terrorismo é o da Al-Qaeda de que falaremos mais adiante em capítulo próprio. Este tipo de terrorismo tem a particularidade de obrigar os Estados contra quem se dirige a gastar somas elevadíssimas para a protecção de pessoas e bens. Já o terrorismo transnacional é uma variante de terrorismo doméstico, e sucede quando a região afectada está dividida entre dois países. É o que sucede na Irlanda do Norte com o IRA e organizações semelhantes, e no País Basco com a ETA<sup>10</sup> - ‘Pátria Basca e Liberdade’.

---

<sup>8</sup> Burke (2004, p.42), por exemplo, define o “*terrorismo islâmico*” como uma expressão abrangente de utilidade dúbia para compreender o fenómeno e para responder à ameaça com que nos confrontamos [a América].

<sup>9</sup> Ibid., pp-138-139.

<sup>10</sup> ‘Euskadi Ta Askatasuna’.

- **Categorias**

Blanc (1999) analisa com profundidade os grupos terroristas quanto à sua categoria, tendo como ponto de partida o “States sponsored terrorism”, ou “terrorismo de Estado”, que é definido como uma “forma de terrorismo que se serve do aparelho de Estado para ajudar um grupo terrorista”. A segunda categoria de terrorismo é o “State relevant and State irrelevant terrorism”, que corresponde ao terrorismo com ou sem base territorial. Diz o autor que os grupos terroristas que entram nestas classes são relativamente independentes do controlo dos aparelhos estatais. Ainda na descrição de Blanc, a última categoria seria, o “Personality-relevant”, que depende unicamente de uma pessoa que dá vida ao grupo<sup>11</sup>.

- **Grupos**

Não pretende esta reflexão ser uma ‘passarela de ladainhas’ de todos os grupos terroristas existentes, por isso elencámos apenas aqueles que, no nosso entendimento, representam a espinha dorsal do terrorismo internacional. Segundo Blanc (2002:19)<sup>12</sup>, o grupo terrorista que se destaca em primeiro plano são os Intriguistas, cujo termo designa os muçulmanos que militam contra qualquer adaptação do Islão ao mundo moderno, sob o pretexto de que o mundo moderno que ganhará em se regenerar no Islão, fonte de todas as qualidades que a humanidade possa procurar. Quanto aos Fundamentalistas, o seu objectivo é o de utilizar a ciência e a tecnologia modernas para reforçar a *Umma*<sup>13</sup>. Segundo eles, é preciso que o Islão proceda a uma simbiose com a tecnologia moderna. Depois temos os Islamitas, pelo seu lado, procuram abertamente conquistar o poder político ou, na impossibilidade, exercer fortes pressões sobre esse poder no sentido de restaurar o dogma religioso na sua integridade e, por via da religião, resolver ao mesmo tempo todos os problemas da sociedade. A seguir temos os Salafitas que são, no sentido exacto do termo, “integristas” do Islão, hostis a qualquer inovação, descrita como interpretação humana, da lei e da ordem divinas<sup>14</sup>.

➤ **Al-Qaeda**

A formação da Al-Qaeda é ‘pau para várias colheres’ e não se esgota num artigo de quinze páginas. De acordo com Nuno Rogeiro<sup>15</sup>, um dos mais referenciados estudiosos da matéria, a

---

<sup>11</sup> Em Lara (2002, p.48), pode-se ler sete subcategorias do terrorismo: o terror puro; o terrorismo dos partidos revolucionários de libertação nacional; o terrorismo de guerrilha; o terrorismo de insurreição; o reino do terror; a propaganda terrorista e terrorismo internacional.

<sup>12</sup> Blanc, 2002, p. 197.

<sup>13</sup> Comunidade islâmica mundial ou superação islâmica. Lawrence, 2006, p.19.

<sup>14</sup> Vd outros grupos terroristas, suas origens, líderes e organização nos débitos de Mariana Sampayo e Paulo Lisboa, in Monteiro, “*Violência Estrutural? O Magrebe e a Europa Ocidental*”, Leiria, 2002, pp.266-280.

<sup>15</sup> V. a obra do autor: “*Inimigo Público: Carl Schmitt, Bin Laden e o Terrorismo Pós-Moderno*”, 2003, p. 104 segs.

“Qaida” é usado no sentido de base física, química, espiritual, militar, mas também de fundamento, fundação, alicerce, cânone, regra geral, etc., “al-Qa’ ida tal-ta’sis”, por exemplo, é a pedra fundacional da Criação, com especial relevo no esoterismo sufista, e, acompanhando a modernidade, uma “base<sup>16</sup> de dados” ou “a base sólida” traduz-se, em árabe, para *qa’ida ma’lumat*<sup>17</sup>.

Blanc (2002) analisou também a problemática da origem da Al-Qaeda a partir da perspectiva religiosa e centrando-se, essencialmente, na questão soviética, afirma que a Al-Qaeda é uma organização de solidariedade com os combatentes *mujahedin*<sup>18</sup>, criada por Abdullah Azzam [em 1984] e “herdada” por Bin Laden<sup>19</sup>, em 1989. Entretanto, Lawrence (2005:137) cita uma entrevista em que o então líder da Al-Qaeda afirmara: “Esse nome em particular [Al-Qaeda] é muito antigo e surgiu bastante independentemente de mim. O irmão Abu Ubaida al-Banshiri criou uma base militar para treinar os jovens para lutar contra o Império Soviético, que era verdadeiramente desapiadado, arrogante, brutal e aterrorizava os fiéis. Esse local era chamado “A Base”, como em base de treino, e o nome surgiu daí<sup>20</sup>”.

Duas observações na nossa opinião parecem inabaláveis. A primeira é que o termo “Al-Qaeda” (que significa “A Base”) surge no Afeganistão durante o domínio soviético cujo nome inicial era chamado de Makhatab al-Khidamat<sup>21</sup> - Gabinete de Serviços Afegão, liderado por Abdullah Azzam, mais tarde este Gabinete transformar-se-ia num novo movimento original comandado por al-Banshiri de quem Bin Laden viria a herdar o trono. A segunda constatação que fazemos é que Bin Laden, tal como ele próprio reconheceu publicamente, não foi quem criou a Al-Qaeda. Coube entretanto a Bin Laden não só a internacionalização do movimento à escala mundial, mas também elevou o terrorismo à principal agenda dos países membros das Nações Unidas. Dos anais da história mundial só muito esporadicamente ocorreram casos de mútuo entendimento entre os Estados como acontece actualmente na luta contra o terrorismo. Se há males que vêm por bem, diz o ditado popular, então este seria um deles pelas razões que

---

<sup>16</sup>Esta “base” seria a condição essencial para qualquer verdadeiro movimento de renascimento político do Islão, baseado não só numa expressão rigorosa da doutrina, como na criação de uma rede de organizações agregadoras, espécie de reencarnação do Iluminismo ocidental, em torno de salões de debate teológico, representando a vanguarda política, a vontade de martírio e a certeza da fé. Rogeiro, 2003, p.137.

<sup>17</sup> Idem, ibidem, p. pp. 132-137; v., igualmente, Andrade (1999), especialmente a pág. 171.

<sup>18</sup> Lutador pela causa de Allah, e que tanto designa os combatentes da jihad (o termo “jihad”, entendido a maior parte das vezes como “guerra santa”, significa também “esforço sobre si mesmo” ou “defesa dos direitos de Deus”).

<sup>19</sup> O xeque e milionário saudita Osama bin Mohammed bin Awad bin Laden nasceu em Riade (Arábia Saudita) no dia 10 de Março de 1957 e foi morto pelas forças especiais dos EUA no dia 1 de Maio de 2011 em Abbottabad (Paquistão). Para o seu lugar foi indicado à líder interno da organização o egípcio Saif al-Adel (Muhamad Ibrahim Makkawi), o sétimo mais procurado na lista do FBI. V. quem são os líderes da Al-Qaeda aqui: <http://www.rm.co.mz> (15/05/2011), e a história completa de Bin Laden em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Osama\\_bin\\_Laden](http://pt.wikipedia.org/wiki/Osama_bin_Laden) (11/05/2011), e Clarke, 2004, pp. 193 a 220, respectivamente.

<sup>20</sup> No mesmo diapasão, v. Greenberg, 2007, p. 238.

<sup>21</sup> MAK

coube a Bin Laden o entendimento harmonioso entre os Estados, muitas vezes divergentes nas causas e nos interesses. Infelizmente é assim!

### ➤ Ataques e causas da contenda

Esta reflexão não tem espaço para exumar e autopsiar todos os ataques terroristas perpetrados pelo movimento terrorista Al-Qaeda que nos quatro cantos do mundo semearam e continuam a semear dor, luto e hecatombe entre as populações. Antes, porém, falaremos de alguns ataques terroristas que mais impacte tiveram na comunicação social, embora reconheça-se que o terrorismo como conceito não se mede em números de vítimas ou na dimensão que certas agências de notícias, na sua ingrata tarefa informativa, dão ou simplesmente deixam de transmitir ao “*público de bancada*”<sup>22</sup>

Pensa-se que os primeiros ataques terroristas ligados à Al-Qaeda durante a liderança de Bin Laden ocorreram em 1998 contra as embaixadas americanas em Nairobi (Quênia) e em Dar es Salaam (Tanzânia), vitimaram 224 pessoas e feriram 5000. Foi de resto nestes dois atentados bombistas que os nomes de Bin Laden (este entra então para a lista das dez pessoas mais procuradas pelo FBI, que fez assim dele o inimigo público nº 1 dos Estados Unidos) e da Al-Qaeda tornaram-se sonantes. Na sequência desse ataque e após a criação da “International Islamic Front for Jihad Against the Jews and the Crusaders” – “Frente Islâmica Mundial contra os Judeus e os Cruzados”, Bin Laden concedeu a sua primeira entrevista à cadeia de televisão do Qatar (al-Jazeera) onde afirmou “o nosso dever – que assumimos – é motivar a nossa *umma* para a *jihad* por amor a Deus contra a América e os seus aliados”.

Apesar do carácter dissimulado e idiossincrático de Osama bin Laden que, aliás, não se deve levar à letra, parece-nos evidente que os seus pressupostos de luta contra os EUA, Israel e aliados – pelo que é público – são a causa religiosa (a ideia de que a religião muçulmana é a religião da unificação de Deus<sup>23</sup>, e [...] “Apelamos igualmente a cada muçulmano para atacar as tropas satânicas americanas e os demónios seus aliados. A ordem para matar americanos é um dever sagrado com o objectivo de libertar a mesquita de al-Aqsa e a de Meca<sup>24</sup>”), o imperialismo ocidental que tem como símbolo a América (os ataques às torres gémeas significava para Bin Laden o poder financeiro mundial<sup>25</sup>), a causa Palestina (“O sangue derramado da Palestina tem de ser vingado. Vocês têm de saber que os Palestínios não

---

<sup>22</sup> Designámos de “*público de bancada*” os que vivem os acontecimentos a partir da ‘bancada’, pela rádio, televisão ou através de outros meios de comunicação social, por essa razão afirmamos que não é pela dimensão ou fervura da notícia que a dor (terrorismo) deixa de ser dor.

<sup>23</sup> V. Greenberg, 2007, p.260.

<sup>24</sup> Blanc, 2002, p. 112, v. igualmente Burke, 2004, p.186.

<sup>25</sup> V. Lawrence, 2006, p. 136.

choram sozinhos; as suas mulheres não enviuvaram sozinhas; os seus filhos não ficaram órfãos sozinhos<sup>26</sup>).

Terroristas de calibre como foi Bin Laden geralmente colocam em prática as suas ameaças. Trata-se de um juramento que fazem na ‘catedral’, isto é, no ‘santuário do crime’, onde a principal regra é a destruição e o terror. Por mais forte que seja a muralha de ferro, um extremista nunca se resigna enquanto não se fizer adentro e quando o faz, tornar-se um autêntico ‘tsunami’. Bin Laden provou esta hipótese com o pior ataque terrorista de que há memória. A 11 de Setembro de 2001<sup>27</sup> foi cumprida a promessa, destruindo por completo as torres gémeas do WTC<sup>28</sup> - Centro Mundial de Comércio que causaram a morte a 2.993 pessoas (incluindo 19 terroristas). A esmagadora maioria das vítimas era civil, incluindo cidadãos de mais de 70 países. A verdade, porém, é uma: o inimigo de hoje foi o maior amigo de ontem. Durante a guerra do Afeganistão, Usamah Bin Ladean<sup>29</sup> e a CIA<sup>30</sup> - Agência Central de Informações foram aliados contra a ocupação soviética no Afeganistão, que colocou os EUA na situação de única superpotência militar, económica e ideológica. De resto, a política internacional alimenta-se disso: de convergência quando o inimigo é comum, de divergência quando os interesses divergem.

Em resumo, apresentamos o quadro dos ataques terroristas perpetrados pela Al-Qaeda e o orçamento de cada operação.

Tabela 1. *Custo de algumas operações terroristas (estimativas)*

Ataques terroristas	Data	Custo da operação (estimativa)
Bombas da Embaixada Africana	1998	> 30 000 USD
Ataque ao USS Cole	2000	Entre 5000 e 10 000 USD
11 de Setembro 2001	2001	> 500 000 USD
Mesquita de Djerba	2002	20 000 USD
Ataque em Limburg	2002	127 000 USD

<sup>26</sup> Greenberg, 2007, p. 257.

<sup>27</sup> Veja toda a história sobre o ataque em Burke, 2004, pp.240-258; e, especialmente sobre os bastidores da ‘Casa Branca’, Clarke, 2004, p.313 segs. No mesmo diapasão, vd a reportagem completa da CNN na obra dada à estampa por Dayan, 2009, pp. 38-56.

<sup>28</sup> World Trade Center, baptizado pelo nome de “Ground Zero” que significa destruição total.

<sup>29</sup> A questão do grafismo é algo que neste trabalho procurámos não relevar.

<sup>30</sup> Central Intelligence Agency



Ataque em Bali <sup>31</sup>	2002	74 000 USD
------------------------------	------	------------

Fonte: J. C. Brisard, *Terrorism Financing, op. Cit., UN 2002 in Moreira (2004)*.

De acordo com Adelino Torres em Moreira (2004:31)<sup>32</sup>, os fundos operacionais da Al-Qaeda têm dois objectivos principais: investimento em projectos lucrativos que permitam alimentar as células locais e levar a cabo actos terroristas. Para recolher fundos a organização utiliza diversos métodos: cotizações dos membros, projectos de investimento, empresas de fachada, falsos contratos, assaltos a bancos, cheques forjados, fraude com cartões de crédito, moeda falsa, raptos, extorsão e contrabando de armas, tráfico de drogas, etc.

### ➤ **Ciberterrorismo**

Ao olharmos para a realidade actual do mundo em que vivemos, em que as relações sociais entre os indivíduos estão combinadas em espaços reais e virtuais de comunicação na sociedade em rede, facilmente nos indagamos se o mundo hoje seria possível sem a Internet. Para Batista et al (2004:30) com o desenvolvimento da Internet surgiram novos conceitos que fazem parte dos *clichés* dos telejornais e das manchetes dos jornais, tais como: Guerra da Informação, Ciberguerra, Ciberterrorismo e Cibersegurança, que estão a revolucionar a “arte da guerra”, o combate ao banditismo e ao crime organizado. Para estes autores, Ciberterrorismo – foi utilizado pela primeira vez por Barry Collin, investigador no Instituto for Security and Intelligence”, na década de 80, para referir à convergência do ciberespaço e de terrorismo<sup>33</sup>.

Nem todos os ataques informáticos são considerados de ciberterrorismo. A este propósito Denning (2000) enfatiza que:

“Further, to qualify as cyberterrorism, an attack should result in violence against persons or property, or at least cause enough harm to generate fear. Attacks that lead to death or bodily injury, explosions, plane crashes, water contamination, or severe economic loss would be examples. Serious attacks against critical infrastructures could be acts of cyberterrorism, depending on their impact. Attacks that disrupt nonessential services or that are mainly a costly nuisance would not<sup>34</sup>”.

Existem entretanto dois grupos cibernéticos que à partida nada tem a ver com grupos terroristas como Al-Qaeda, embora seus actos possam ser considerados ilegais, denominados Hackers (amadores ou profissionais) e Crackers (são simplesmente curiosos e os que cometem

<sup>31</sup> Discutível a autoria da Al-Qaeda.

<sup>32</sup> Moreira, 2004:31.

<sup>33</sup> Ibid., p.33

<sup>34</sup> Gordon, 2003, p. 4.

actos de vandalismo). Para ambos os casos, não há melhor exemplo que a WikiLeaks<sup>35</sup>, lançado em Dezembro de 2006 pela iniciativa do seu principal editor e porta-voz o australiano Julian Assange. Ao longo de 2010, a WikiLeaks publicou vários documentos confidenciais do governo dos Estados Unidos, incluindo “informações bombásticas” sobre os governos de Portugal e de Moçambique, com forte repercussão mundial<sup>36</sup>. Ainda na esteira da actuação destes cibernéticos, a RTP em seus programas noticiosos do dia 12/06/2011 informou que o Departamento de Defesa norte-americano confirmou que o FBI estaria a investigar um ataque informático contra o Fundo Monetário Internacional - (FMI) que tinha como objectivo instalar um "software" que daria acesso a todas as bases de dados da instituição<sup>37</sup>. Por outro lado, segundo o jornal brasileiro “Correio do Povo”, o grupo hacker LulzSec derrubou no 23/06/2011 o *site* da Presidência e do Governo do Brasil, respectivamente, e declarou guerra aberta contra todos os governos, bancos e grandes corporações do mundo<sup>38</sup>.

No que respeita à Al-Qaeda, Scott Atran<sup>39</sup> considera que a Internet é o único lugar onde este movimento está a florescer e é altamente competitiva. Porquê? Julgamos nós que a invisibilidade de quem usa estes meios, atraídos sobretudo pelo ‘*embaratamento*’ de custos, poderá ter despoletado na Al-Qaeda o interesse por estes meios, como afirma Magnus Ranstop “[...] Las nuevas tecnologías informáticas facilitan la difusión de propaganda política; la captación de voluntários; la obtención de recursos; la comunicación y la coordinación de los diversos grupos operativos<sup>40</sup>”. Referindo-se a queda das torres gémeas, o mesmo autor acrescenta que “Los terroristas responsables de los atentados del 11 de septiembre, por ejemplo, utilizaron toda clase de medios tecnológicos avanzados: mensajes de correo electrónico encriptados o señalizados como “*spam*”; salas de “*chat*” corrientes, o buzones clandestinos; tarjetas de telefono suizas no indentificables; teléfonos por satélite de un solo uso; o cuentas de correo electrónico anónimas para ser utilizadas una sola vez<sup>41</sup>”.

Para o advogado especializado em Direito Autoral, Nehemias Gueiros Jr.<sup>42</sup>, o modo de funcionamento é bastante fácil: os terroristas abrem contas gratuitas em provedores como ‘Hotmail’ e ‘Yahoo’, escrevem uma mensagem mas não a enviam, arquivando-a somente na

---

<sup>35</sup> É uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia que publica, em seu *site*, *posts* de fontes anónimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.

<sup>36</sup> Conheça toda a história da WikiLeaks aqui: <http://pt.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> (12/06/2011).

<sup>37</sup> <http://www0.rtp.pt/noticias/?t=FBI-em-campo-para-investigar-ataque-informatico-ao-FMI.rtp&headline=20&visual=9&article=450998&tm=7> (24/06/2011).

<sup>38</sup> <http://www.correiodopovo-al.com.br/v3/mundo/15123-Grupo-hacker-LulzSec-derruba-site-Presidencia-Governo-Brasil.html> (23/06/2011).

<sup>39</sup> “A internet é o único lugar onde a Al-Qaeda floresce” publicado em 12/04/2011 no *site*: [www.rm.co.mz](http://www.rm.co.mz) (25/05/2011).

<sup>40</sup> Moreira, 2004:179.

<sup>41</sup> Ibid: 207.

<sup>42</sup> V. artigo do autor em “*Consultor Jurídico*” publicado no *site* [http://www.conjur.com.br/2004-ago-29/al\\_qaeda\\_cada\\_vez\\_proxima\\_ciberterrorismo](http://www.conjur.com.br/2004-ago-29/al_qaeda_cada_vez_proxima_ciberterrorismo) (07/06/2011).

pasta de “Rascunho”. Utilizando-se do mesmo login e da mesma senha colectivamente, outros membros acessem o ‘Web Mail’, lêem a mensagem e apagam-na, ou seja, a mensagem jamais foi enviada, nunca saiu do provedor e não há qualquer registo ou rastro dela na Internet”. Em resposta à sofisticação dos terroristas, que tem vindo a aumentar e à sua capacidade de realizarem ataques inesperados a instituições ou empresas específicas, os EUA estabeleceram uma “Estratégia Nacional para Segurança do Ciberespaço” – “National Strategy to Secure Cyberspace” articulada com “National Strategy for Homeland Security, com os seguintes objectivos: prevenir ciberataques contra infra-estruturas americanas críticas; reduzir a vulnerabilidade nacional aos ciberataques; minimizar danos e ganhar tempo antes da ocorrência de ciberataques. No compito geral, podemos, portanto, concluir que o ciberterrorismo (ao contrário das guerras convencionais que envolvem homens fortemente armados, uma grande estrutura de defesa e segurança, designadamente instalações militares, logísticas, meios de transportes, material bélico, etc.), é uma guerra moderna sem rosto, sem identidade, sem fronteiras físicas do Estado.

### **Notas finais**

Em algum momento o leitor desta reflexão poderá ter ficado com a ideia de que o seu autor é insensitivo ao terrorismo, ignorando o aviso à navegação, acusando-o de seguida de tentar equilibrar as balanças, só por si, *‘inequilibráveis’*. De facto, só mesmo uma leitura desinteressada poderá conduzir a esta conclusão. O terrorismo como ficou demonstrado nesta reflexão é um acto criminoso que remota desde há antiguidade histórica até à nossa Era. O terrorismo, portanto, não nasce com a Al-Qaeda nem com qualquer outro movimento terrorista, embora reconheça-se que a Al-Qaeda o tenha internacionalizado com a queda das torres gémeas em 2001. Conclui-se, nesta perspectiva, que com a queda das torres gémeas nos EUA inicia-se o fim da hegemonia política e económica norte-americana. Tanto o terrorismo convencional como o ciberterrorismo não se esgotam por decretos. São sensatas as palavras de Madeleine Albright (antiga Secretária de Estados Unidos da América)<sup>43</sup> quando afirma que essa guerra não seria ganha com acções militares fosse qual fosse a violência dos bombardeamentos ou dos ataques, fosse qual fosse também a amplitude dos prejuízos infligidos à parte adversa, mas sim nas agências de informação e de contra-espionagem americanas [e mundial] dado que o terrorismo não pára de evoluir. Concluimos este epílogo reconhecendo que o terrorismo pela

---

<sup>43</sup> Cito de memória.

sua natureza (não escolhe alvos, raças, nacionalidades, etnias, etc.) é um MAL que deve ser combatido por TODOS. Que assim seja!

*‘Zicomo Kwambiri’ (Muito Obrigado).*

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, John, “*Acção Directa: “Dicionário de Terrorismo e Activismo Político”*”, Lisboa, Hugin Editores, Lda, 1999, p. 223;

BATISTA, Gonçalo *et al*, “*Ciberterrorismo: a nova forma de crime do sec. XXI, como combatê-lo?*”, Revista da Academia Militar Proelium, VI, Série N° 1, Ano 2004, Lisboa, PP: 29-60.

BLANC, Florec, “*Bin Laden e a América: o que faltava explicar*”, Lisboa, Publicações Europa – América, lda, 2002, p.197;

BURKE, Jason, “*Al-Qaeda: A História do Islamismo Radical*”, Lisboa, Quetzal Editores / Bertrand Editora, Lda, 2004, p. 334;

CLARKE, Richard A., “*Contra Todos os Inimigos: nos bastidores da Casa Branca*”, s/ed, Algés e Viseu, DIFEL 82 – Difusão Editorial, S.A. – Tipografia Guerra, 2004, p.400;

DAYAN, Daniel (*Dir*) “*O Terror Espectáculo: Terrorismo e Televisão*”, Coimbra, Edições 70, Lda, 2009, p. 454;

GREENBERG, Karen J., “*Al-Qaeda: Uma análise de terrorismo Actual*”, s/ed, Lisboa, Editorial Estampa, Lda, 2007, p. 287;

LARA, António de Sousa, “*Imperialismo, Descolonização, Subversão e Dependência*”, Lisboa, ACMA – Artes Gráficas, eni / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2002, p. 244;

LAWRENCE, Bruce (*coord*) “*Mensagens ao Mundo de Osama Bin Laden*”, 1ª ed., Lisboa, Temas e Debates, 2006, p. 306;

MONTEIRO, Fernando Amaro (*coord*), “*Violência Estrutural? O Magrebe e a Europa Ocidental*”, 1ª ed, Leiria, Magno edições, 2002, p. 441;

MOREIRA, Adriano (*coord*), “*Terrorismo*”, 2ª ed, Coimbra, Almedina, 2004, p. 567; e

ROGEIRO, Nuno, “*O Inimigo Público: Carl Schmitt, bin Laden e o Terrorismo Pós-Moderno*”, 1ª ed, Lisboa, Gravida Publicações, 2003, p.229.

## Webgrafia (referências)

BARBOSA, Igor A. Vidal, “A ONU e o Terrorismo”, [Análise Resenhas], Minas, 2006, p.6, in [http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO\\_ARQ\\_NOTIC20060607100103.pdf?PHPSESSID=354ce39546437a293e8a77ac4737a36f](http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20060607100103.pdf?PHPSESSID=354ce39546437a293e8a77ac4737a36f) [Consultado em 07/06/2011];

GORDON, Sarah, “Cyberterrorism”, 2003, in <http://www.symantec.com/avcenter/reference/cyberterrorism.pdf>;

SAMPAIO, Fernando G., “Ciberguerra: Guerra Eletrônica e Informacional, um novo Desafio Estratégico”, [Monografia] apresentado à Escola Superior e Estratégia, Rio de Janeiro, 2001, p. 21, in <http://www.defesanet.com.br/esge/ciberguerra.pdf> [consultado em 07/06/2011];

19a - “Saiba quem são os líderes da Al-Qaeda após a morte de Bin Laden” in <http://www.rm.co.mz/> [consultado em 18/05/2011]

19b - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Osama\\_bin\\_Laden](http://pt.wikipedia.org/wiki/Osama_bin_Laden) [consultado em 11/05/2011];

36 - <http://pt.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> (12/06/2011);

37 - “Ataque ao site do FMI”, publicado no dia (12/06/2011), RTP, in “<http://www0.rtp.pt/noticias/?t=FBI-em-campo-para-investigar-ataque-informatico-ao-FMI.rtp&headline=20&visual=9&article=450998&tm=7> [consultado em 24/06/2011];

38 – “Ataques aos sites da Presidência e do Governo do Brasil”, publicado no dia (23/06/2011), Jornal Correio do Povo, in <http://www.correiodopovo-al.com.br/v3/mundo/15123-Grupo-hacker-LulzSec-derruba-site-Presidencia-Governo-Brasil.html> [consultado em 23/06/2011];

39 - “A internet é o único lugar onde a Al-Qaeda floresce” de [12/04/2011] in [www.rm.co.mz](http://www.rm.co.mz/) [consultado em 25/05/2011]; e

42 - “Consultor Jurídico” [29/08/2009], publicado no site: [http://www.conjur.com.br/2004-ago-29/al\\_qaeda\\_cada\\_vez\\_proxima\\_ciberterrorismo](http://www.conjur.com.br/2004-ago-29/al_qaeda_cada_vez_proxima_ciberterrorismo) [consultado em 07/06/2011].